

**Como um canteiro de linguagens e identidades, de história e de arte:**

**Cemitério Municipal São José, Ponta Grossa (PR)**

Maristela Carneiro\*

Resumo: Este trabalho buscou analisar elementos da simbologia cemiterial a partir do estudo das representações alegóricas – tanto as sentimentais, quanto as cristãs; presentes no Cemitério Municipal São José, localizado na cidade de Ponta Grossa (PR). É certo que a simbologia cemiterial objetiva a expressão ou a transmissão dos valores culturais para o estabelecimento e reafirmação, ainda que de forma fragmentária, das identidades e relações sociais. A pluralidade destes valores, expressos pelos espaços funerários e pela arte e história ali contidas, está profundamente relacionada às diferentes maneiras encontradas para se lidar com a própria questão da morte.

Palavras-chave: Cemitério. Representações Alegóricas. Cidade. Identidades.

Abstract: This study sought to analyze evidence from the cemetery symbolism of allegorical representations of the study – both sentimental about the Christian; present in Cemitério Municipal São José, located in Ponta Grossa (PR). Admittedly, the symbolic cemetery objective expression or transmission of cultural values for the establishment and reaffirmation, albeit fragmentary, identities and social relations. The plurality of values, expressed through the spaces and funerary art and history contained therein, is deeply related to the different ways found to deal with the issue of death itself.

Key-words: Cemetery. Allegorical Representations. City. Identities.

Neste artigo são discutidos alguns elementos da simbologia cemiterial a partir do estudo das representações alegóricas – tanto as sentimentais, quanto as cristãs; presentes nos túmulos do Cemitério Municipal São José, localizado na cidade de Ponta Grossa (PR). Vale lembrar que refletir sobre aspectos materiais e simbólicos destas construções nos remete à morte e pensar nos espaços remetentes a mesma, no âmbito acadêmico, propicia a ponderação

---

\* Mestranda em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, sob a orientação do Prof. Dr. José Augusto Leandro. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Araucária/SETI, por meio de bolsa concedida a Maristela Carneiro. E-mail: <maristelacarneiro86@gmail.com>.

do problemático paradoxo das reflexões em relação ao morrer. Esta ponderação entrelaça valores, modelos, lugares e rituais, inclusive os elementos que compõe o perfil da sociedade capitalista e o processo de mercantilização da morte.

O espaço cemiterial é percebido, por conseguinte, como reflexo e condição da sociedade, cuja dimensão social corresponde ao espaço urbano em grande escala, de forma temporal e justaposta. A partir deste entendimento, seguem-se alguns fragmentos históricos referentes à fundação e desenvolvimento do cemitério em questão, considerados pertinentes para a posterior leitura dos símbolos presentes no mesmo.

### **Fragmentos históricos do Cemitério Municipal São José**

O histórico do Cemitério Municipal São José é referido somente em algumas notas constantes em publicações locais, sem referentes documentais, de maneira breve e limitada, dentre os quais o Jornal Diário dos Campos e os autores Guísela Chamma e Josué C. Fernandes. Aparentemente, a referida necrópole resultou de disputas políticas entre a Câmara Municipal e o clérigo Anacleto Dias Babtista, que ficou à frente da administração da Paróquia de Sant'Ana por mais de quarenta anos (aproximadamente entre 1837 e 1880) e, supostamente, exercia forte influência sobre a população local. Com efeito, de acordo com a Constituição Imperial de 1824, a responsabilidade pela conservação do cemitério e pelas certidões de óbito cabia à autoridade eclesiástica local.

Tais disputas políticas tiveram início, conforme Fernandes, quando o clérigo buscou o prevalecimento de uma antiga doação de imóveis, outorgada à padroeira Sant'Ana, pela família de Domingos Ferreira Pinto, com forte oposição por parte dos edis.<sup>1</sup> Esta doação foi contestada, em 1865, por alguns políticos municipais, mas o Juiz de Direito Dr. Joaquim Ferreira Pinto confirmou a doação feita por seus antepassados ao poder eclesiástico.<sup>2</sup> No mesmo ano, os vereadores oficiaram ao Governo Provincial sobre a necessidade de um Vigário Encomendado, cujo pedido foi negado; com o objetivo de diminuir o poder do religioso, os vereadores transferiram o Cemitério São João para um terreno situado fora da cidade, alegando que a localização da necrópole impedia o crescimento urbano.<sup>3</sup>

Porém, conforme a Edição Comemorativa do Cinquentenário da Diocese de Ponta Grossa, publicada em 1976, a justificativa da construção de um novo cemitério, não somente dos edis, como também de outros moradores ilustres da cidade, era de que os lugares melhor

---

<sup>1</sup> FERNANDES, Josué Corrêa. Cemitério São José. In: *Das colinas do Pitangui*. Ponta Grossa: Planeta, 2003, p. 327.

<sup>2</sup> DIOCESE DE PONTA GROSSA. *Cinquentenário 1926- 1976*. Curitiba: Vicentina, 1976, p. 54.

<sup>3</sup> CHAMMA, Guísela. V. F. *Ponta Grossa: o povo, a cidade e o poder*. Ponta Grossa: SMEC, 1988, p. 33.

localizados na necrópole antiga já estavam ocupados “e como mesmo na morte, não desaparece a mania de ostentação dos vivos, resolveram construir [o novo cemitério] bem distante do centro da cidade (atual cemitério São José), sem consultar o Vigário [...]”<sup>4</sup> De fato, um dos objetivos na construção dos cemitérios, no século XIX, foi a procura pela monumentalidade, sendo indiscutível que os cemitérios não resultaram sóbrios, padronizados, como eram os locais dos sepultamentos tradicionais, no interior das igrejas.<sup>5</sup>

O Cemitério São João trata-se da primeira necrópole urbana de Ponta Grossa, fundado pelos moradores locais, em 24 de junho de 1811, ao lado de uma Capela que existia neste local, com a mesma denominação, na atual Praça Barão de Guaraúna, onde hoje se encontra a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, conhecida como “Igreja dos Polacos”.

Talvez [a capela] tivesse servido desde o princípio apenas a encomendação dos defuntos que eram enterrados no cemitério ao lado. Este, seguramente era o mais antigo da cidade. Ocupava uma área bastante ampla, que ia dos lados aos fundos da Capela (mais ou menos parte da hoje Praça Barão de Guaraúna, av. Machado até onde se localiza a loja João Vargas de Oliveira, e estendia-se até a atual rua Balduino Taques). Foi o mais utilizado da Freguesia, Vila e cidade de Ponta Grossa.<sup>6</sup>

Assim, a capela e o cemitério ficavam localizados num dos extremos da Freguesia neste momento, o que explica o argumento apresentado pelos políticos. Segundo Fernandes, o vigário, não podendo impedir a iniciativa da Câmara, não abençoou o novo cemitério para que este fosse considerado campo santo e, dessa forma, as pessoas não queriam que seus mortos fossem enterrados neste local, considerado “um lugar inadequado para a inumação de católicos”<sup>7</sup>. Esta situação foi alterada apenas em 1881, quando o Padre João Evangelista Braga, assumindo como novo vigário, abençoou o cemitério e a população progressivamente passou a utilizá-lo. Após, na gestão do Prefeito Municipal Cel. Cláudio Gonçalves Guimarães, em 1890-1891, o Cemitério São João foi desativado.

A denominação de “Cemitério Municipal São José” foi recebida somente em 1948, através da Lei nº 80, de 05 de outubro daquele ano, pois até então não possuía denominação oficial, assim como os demais campos-santos do município na época, designados na mesma oportunidade: Cemitério Municipal São João Batista, Cemitério Municipal São Sebastião e Cemitério Municipal Santa Luiza.

---

<sup>4</sup> DIOCESE DE PONTA GROSSA, op. cit., p. 58.

<sup>5</sup> Para saber mais sobre a temática dos sepultamentos *ad sanctos*, ler CYMBALISTA, Renato. *Cidades dos vivos*. Arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

<sup>6</sup> DIOCESE DE PONTA GROSSA, op. cit., p. 57.

<sup>7</sup> FERNANDES, op. cit., p. 327.

Observa-se que o Cemitério Municipal São José pode, já na atualidade, ser tomado como um ordenador espacial, pois de limite do perímetro urbano, quando de sua fundação, foi absorvido pela expansão da cidade e assumiu localização central. Ao ser fundado era o único cemitério urbano do município, destinado a todos; todavia, com sua lotação e a construção dos demais cemitérios, em áreas mais periféricas, podemos concluir que os concessionários passaram a ser, em certa medida, “selecionados”, até mesmo pelas providências legislativas então tomadas, que encareceram a utilização deste cemitério. A partir da década de 1950, já instituídos os demais cemitérios na cidade, o Cemitério São José passou a ser definido como “necrópole central”, espaço privilegiado para a demonstração da cultura local do município.

Considerando-se que a morte é portadora de múltiplas dimensões, diretamente influenciadas pela relação entre espaço e tempo, observa-se que a paisagem cultural é o conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si no espaço:

[...] resultado de uma dada cultura que a modelou [...] constitui-se em uma matriz cultural. Como resultado a paisagem é ‘uma vitrine permanente de todo o saber’, expressando a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica.<sup>8</sup>

No caso do Cemitério Municipal São José, é possível observar que se trata de uma necrópole que se destaca dentre as demais presentes na cidade por possuir construções suntuosas, com elementos arquitetônicos e escultóricos de significativa beleza, inspirados nos moldes europeus.

As paisagens, dentre as quais a cemiterial, servem como mediadoras na transmissão cultural, contribuindo para transferir de uma geração para outra os saberes, crenças, atitudes sociais, ou seja, suas práticas identitárias, para o estabelecimento e reafirmação das relações sociais. E o espaço define-se como um campo de representações simbólicas, enriquecido com signos que possuem a finalidade de expressão das estruturas sociais em suas múltiplas dimensões. Logo, a cultura é caracterizada por componentes materiais, sociais e simbólicos, não se constitui pela justaposição de traços independentes, mas antes forma sistemas relacionais, mais ou menos coerentes.

Portanto, o espaço cemiterial é identificado enquanto experiência individual e coletiva, reflexivo da cidade na qual está inserido e portador das tensões e representações sociais inerentes à mesma. A individualização de cada túmulo, através de elementos artísticos, por exemplo, localizados temporalmente, é indicativa do desejo de continuidade existencial.

---

<sup>8</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, UERJ, NEPEC, ano 1, n. 1, p. 01-22, out. 1995, p. 04.

Os túmulos do Cemitério Municipal São José foram pensados neste trabalho como “mundos sociais” – realidades mentais, sociais e espaciais que, conjugadas, constroem o ambiente propício para que os sobreviventes elaborem suas representações sociais e constituam estes mundos.

### **Um olhar para a subjetividade dos vivos a partir da materialidade espelhada dos túmulos**

A organização dos cemitérios, semelhante às cidades, com quadras, ruas e construções, é produzida para os vivos:

Quem faz os cemitérios não são os mortos, mas os vivos. E fazem-nos não apenas para os mortos mas também (para não dizermos sobretudo) para os vivos. Por isso, a organização da ‘cidade dos mortos’ (com as suas avenidas, os diferentes tipos de ‘habitações’ que contém, a forma de as embelezar, as suas relações de vizinhança, a hierarquização dos seus espaços) obedece a critérios semelhantes à ‘cidade dos vivos’. Assim, os cemitérios funcionam como espelhos das aldeias, vilas ou cidades que o produzem.<sup>9</sup>

Assim, o Cemitério Municipal São José funciona como espelho da cidade que o produziu, especialmente acompanhando a temporalidade desta e as preocupações que lhe são inerentes. Por exemplo, observamos que a maioria dos túmulos mais suntuosos foram construídos entre a sua fundação e a década de 1930, período este que corresponde ao de maior crescimento populacional do município de Ponta Grossa, após a chegada da ferrovia e os ciclos de imigração, no final do século XIX, que transformaram os rumos da cidade. Portanto, o processo de dinamização urbana de Ponta Grossa transparece na configuração do cemitério ora analisado.<sup>10</sup> Em ambos os espaços são verificadas mudanças, inicialmente desordenadas, seguidas da ocupação racional e do ordenamento do espaço urbano.

Tendo em vista esta disposição, voltamos nosso olhar para os elementos simbólicos presentes nas representações alegóricas, os quais são transpassados pela subjetividade dos vivos e suas relações sociais e culturais. Segundo Dalmáz, o uso da simbologia cemiterial objetiva a transmissão ou a expressão de valores culturais. “A representação simbólica seria, então, uma forma de comunicação, onde a cultura e os padrões sociais seriam transmitidos não por meio de frases ou de palavras, e sim, através de símbolos, tais como um objeto, uma

---

<sup>9</sup> COELHO, A. M. *Atitudes perante a morte*. Coimbra: Livraria Minerva, 1991, p. 08. Apud REZENDE, Eduardo. *Metrópole da Morte, necrópole da vida: um estudo geográfico do Cemitério da Vila Formosa*. São Paulo: Carthago, 2000, p. 33-34.

<sup>10</sup> CHAVES, Niltonci Batista. A cidade civilizada: discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos na década de 1930. Curitiba: Aos quatro ventos, 2001, p. 94.

letra, uma escultura e outros.”<sup>11</sup> Porém, a interpretação simbólica deve considerar que os símbolos expressam significados diversos do que os objetos revelariam.

O símbolo pertence à categoria dos signos ou sinais. Quando sinais constituem uma unidade com aquilo que significam, chamamo-los símbolos. Em sua etimologia original, o símbolo é um objeto cortado em dois, cujas partes reunidas permitem reconhecer-se a quem as possui. O símbolo é bipolar, conjugando o visível e o invisível, o presente e o distante, o idêntico e o distinto. Símbolo é um objeto, um gesto, um elemento, um movimento ou uma ação que vale não o que é em si, mas o que significa.<sup>12</sup>

Portanto, o símbolo é a união de um significante concreto (objeto) com algo abstrato (idéia). Este símbolo, quando decifrado pela compreensão imediata ou pelo estudo, permite a transmissão cultural e também dos valores sociais, estes que encontram no espaço das construções funerárias o espaço privilegiado para edificar suas representações. A simbologia cemiterial, profundamente relacionada às diferentes maneiras encontradas para se lidar com a questão da morte, objetiva a transmissão ou a expressão dos valores culturais para o estabelecimento e reafirmação das relações sociais.

Os rituais funerários, os cultos religiosos e as manifestações artísticas, em diferentes culturas, são múltiplos, aos quais são inerentes diversos sentidos assumidos pela expressão simbólica da morte, ou seja, respostas dadas, historicamente, à pergunta acerca do sentido da vida. Assim, a consciência da finitude que os seres humanos possuem torna a morte problemática para os vivos, para os quais o sentido do jogo existencial é elaborado e apresentado. Os rituais de morte são indicativos e/ou respostas da crise perante a morte, tendo em vista a consciência da finitude.<sup>13</sup>

Portanto, os cemitérios, aqui pensados como “lugares de memória” associados à vida, passam por um processo de simbolização, pois são nutridos de lembranças particulares e, ao mesmo tempo, coletivas e plurais. Constroem-se representações, individuais e coletivas, privadas e públicas, vinculadas à religiosidade, à familiaridade, aos valores sociais, para as quais nos voltamos.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus significados na Arte Funerária Cristã do Rio Grande do Sul. In: *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 120.

<sup>12</sup> ZILLES, Urbano. *A significação dos símbolos cristãos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 12.

<sup>13</sup> PIACESKI, Tiago Resza; BELLOMO, Harry Rodrigues. *Pesquisa cemiterial no Estado de Goiás*. Porto Alegre: s.n., 2006, p. 16.

<sup>14</sup> Para exemplificar a simbologia cemeterial, nos utilizaremos de algumas alegorias, cristãs e sentimentais, entendidas enquanto sentimentos personificados, com a ressalva de que também encontramos neste espaço simbologias cristãs e celebrações de memória e de identidade, como representações maçônicas e positivistas, por exemplo, da mesma forma indicativas do universo simbólico no qual o Cemitério se encontra inserido.

### Sentimentos personificados em asas, virtudes e virgens lacrimosas

Na arte funerária<sup>15</sup>, a cultura egípcia desenvolveu notavelmente a escultura dedicada ao culto do morto, mas foram os gregos que a relacionaram ao ideal antropocêntrico de beleza, na qual se combinam idealismo, emoções humanas e racionalidade. Estas representações de grande expressividade foram recuperadas pelo Renascimento, que misturou as representações cristãs às greco-romanas, os deuses gregos aos santos, a apologia da fé à da beleza do corpo humano. No período romântico, surgiram os sentimentos personificados, na forma de alegorias emocionais. A partir daí, a morte passou a ser teatralizada.

Virgens lacrimosas, mães desesperadas, alegorias dos vários estágios do sofrimento, aparecem isoladas ou em grupos, remetendo o espectador para uma vivência emocional, uma meditação sobre a morte ou para enfatizar o papel do morto na sociedade.<sup>16</sup>

É no romantismo que surge a necessidade de identificação dos sepultados através de inscrições, de modo a discriminar e individualizar os mortos, proposta esta complementada pela estatuária neoclássica, que valorizou os modelos gregos. Assim, a escultura neoclássica conviveu no século XIX e meados do XX com as concepções românticas, construindo a tendência eclética, marcante na arte funerária brasileira, principalmente no que tange às alegorias, ou seja, aos sentimentos personificados, agora representados nos moldes clássicos, caracterizados pelo apelo sentimental e emocional, bem como pelo sensualismo discreto. Ainda, ao contrário do símbolo, que é o próprio conceito corporificado, a alegoria é a substituição da idéia, ou seja, possui a finalidade de expressar tanto o conceito, quanto a idéia personificada.

Possuidoras de um caráter que ultrapassa o simples sentido das estátuas, as alegorias representam idéias abstratas, fazendo alusão à política, à religião, à moral e à sociedade. São figuras humanas, personificadas, acompanhadas de símbolos. Esses símbolos possuem significados, que aliados às estátuas, passam a ter um sentido que excede sua simples acepção. Em outras palavras, tem-se uma apresentação concreta de uma representação mental.<sup>17</sup>

No Brasil, as alegorias começaram a ser utilizadas pela burguesia em ascensão, que buscava sobressair-se perante a sociedade, demonstrando o aumento do poder político e econômico, especialmente após a proclamação da República, com a decadência da aristocracia. As famílias buscavam expressar seus traços de civilidade através do investimento

---

<sup>15</sup> PIACESKI; BELLOMO, op. cit., p. 09-15.

<sup>16</sup> Ibid., p.13-14.

<sup>17</sup> LEITE, Daniel Teixeira Meirelles. Alegorias nos Cemitérios do Rio Grande do Sul. In: *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 143.

estilístico nos túmulos, nos moldes europeus, em especial franceses, o que reafirma a perspectiva do espaço do cemitério como signo do progresso.<sup>18</sup> Todavia, é importante atentar para o fato de que as alegorias não estão presentes somente nos jazigos suntuosos, representadas por grandes estátuas e de expressivo valor artístico, mas também em túmulos mais simples, através de pequenos adornos, relevos, inscrições, estatuetas, que possuem o mesmo valor de representação simbólico-semântica dos mais elaborados. Este segundo tipo de representação alegórica ocorre principalmente em cemitérios mais populares, bem como após a decadência da arte cemiterial, que pode ser datada a partir da década de 1940.

Para a análise da produção das esculturas funerárias, Bellomo propõe a “Tipologia Alegórica”, subdividida pelo autor em alegorias de princípios cristãos e alegorias de princípios sentimentais.<sup>19</sup> As alegorias cristãs expressam sentimentos religiosos, valorizados pela tradição cristã, quais sejam as Virtudes Teologais (Fé, Caridade e Esperança), a Justiça (Virtude Cardeal), a Eternidade, a Oração, a Morte e o Juízo Final. As alegorias sentimentais definem-se pela manifestação dos sentimentos humanos, numa acepção mais emocional, dentre os quais a Tristeza, o Silêncio, a Consolação, o Sofrimento, a Desolação, a Saudade e a Lembrança.

No Cemitério Municipal São José encontramos tanto alegorias de princípios cristãos, quanto alegorias sentimentais, concentradas também na parte frontal da necrópole. No conjunto dos atributos simbólicos encontrados, constatamos a presença de 36 alegorias cristãs, subdivididas em Virtudes Teologais, Oração e Morte.<sup>20</sup> As primeiras são os fundamentos das ações morais cristãs, implantadas na alma dos fiéis por Deus, para que possam agir como seus filhos e, assim, alcançar a vida eterna:

Segundo o catolicismo, as virtudes teologais dizem respeito diretamente a Deus: crê-se em Deus, em Deus se espera e a Ele se ama. Amplamente difundidas entre os símbolos cristãos, estão presentes constantemente na arte funerária, como forma de lembrar e consolar os que ficam sobre a fé na ressurreição após a morte.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> LEITE, op. cit., p. 144.

<sup>19</sup> Harry Rodrigues Bellomo, na dissertação de mestrado em História intitulada “*A estatuária funerária em Porto Alegre (1900-1950)*”, defendida em 1988 na PUC-RS, analisou a produção da estatuária funerária em Porto Alegre através dos ateliês e dos artistas, suas influências européias em relação ao contexto positivista, utilizando-se de diferentes temas e representações para as interpretações artísticas das obras funerárias, as quais são classificadas através de três tipologias que procuram estabelecer as relações entre as mesmas e o seu contexto sócio-político: Cristã, Alegórica e Cívico-Celebrativa.

<sup>20</sup> Observa-se que algumas das figuras angelicais encontradas no Cemitério Municipal São José também podem ser identificadas como alegóricas. Todavia, convenientemente, para a presente análise dos sentimentos personificados, nos detemos às figuras humanas.

<sup>21</sup> GRASSI, Clarissa. *Um olhar... A arte no silêncio*. Curitiba: C. Grassi, 2006, p. 26.

As Virtudes Teologais são definidas como as qualidades permanentes da alma, que conferem inclinação para a prática cotidiana do bem.

*Imagem 1.* Virtudes Teologais: Fé, Caridade e Esperança (da esquerda, para a direita)



Fonte: Acervo pessoal da autora

A Fé é a primeira destas virtudes, “sendo o elemento fundamental da vida espiritual, devendo ser apoiada pela caridade.”<sup>22</sup> É representada comumente pela cruz, às vezes acompanhada da estrela, símbolo da esperança, configurando-se, assim, como a esperança enraizada na fé, base da tradição cristã. A imagem acima, presente no jazigo-monumento de Horacio Villela Guimarães, além de ser a personificação da Fé, é também a representação da saudade, considerando-se a guirlanda de flores que a figura feminina traz na mão esquerda.<sup>23</sup>

A Esperança, por sua vez, é a segunda das virtudes teologais, representada em geral pela âncora, e às vezes pela estrela, sendo o último recurso ao qual recorrer. A âncora é associada, em geral, à idéia da firmeza e da segurança, por ser um instrumento de navegação, sendo que na simbologia cristã está relacionada à confiança e à esperança. Fundada na virtude da Fé, é a esperança na ressurreição que, ao lado da Caridade, traduz os pressupostos da tradição cristã. A alegoria acima, presente no Jazigo-Monumento do Tenente Coronel Manoel Ferreira Ribas e de sua esposa, é a tradução da relação entre as virtudes da esperança e da fé, sendo a primeira representada pela âncora<sup>24</sup>, sustentáculo da fé, por sua vez personificada

<sup>22</sup> LEITE, op. cit., p. 145.

<sup>23</sup> A saudade é uma representação alegórica emocional, que será analisada oportunamente.

<sup>24</sup> No levantamento catalográfico realizado no Cemitério Municipal São José, além de duas representações personificadas, encontramos outras três representações da fé sob a forma simbólica da âncora, cujo significado semântico é o mesmo das alegorias.

pela composição da figura feminina, com o olhar voltado para os céus e a mão sobre o peito, indicativos de confiança e fé em Deus.

A Caridade é a terceira das virtudes, representada por uma figura feminina com uma criança no colo, que traduz o sentimento de amor maternal, de carinho, “pelo próximo, pelo inimigo ou por boas ações.”<sup>25</sup> No caso da representação anterior (Mausoléu do Barão de Guaraúna), a Caridade é personificada pela mulher que traz no colo uma criança, amparada ternamente, simbolizando o amor dedicado, além de segurar em sua mão esquerda uma bolsa e uma moeda, sinal este de desapego.

Encontramos ainda exemplares alegóricos cristãos de Oração e de Morte. Indicamos o Jazigo-Monumento da Família Valthier Borges de Macedo, no qual ambos os princípios referidos são representados, nos moldes neoclássicos, pelo escultor E. G. Succ de J. Obino, de Porto Alegre.<sup>26</sup> A alegoria da Oração é representada por crianças ou anjos com as mãos unidas, como se fizessem uma prece para a alma sepultada, para que descanse em paz. Indicam a confiança na ressurreição dos mortos porque, ao contrário, seria desnecessário orar, e remetem à importância dedicada pela família à oração e aos ensinamentos religiosos, denotando profunda crença cristã.<sup>27</sup>

**Imagem 2.** Alegorias da Morte e da Oração (da esquerda, para a direita)



Fonte: Acervo pessoal da autora

<sup>25</sup> LEITE, op. cit., p. 146.

<sup>26</sup> Segundo Kasprzak, as famílias mais abastadas, como forma de demonstração do status social, encomendavam imagens escultóricas a artistas e marmoristas de Curitiba, São Paulo, Porto Alegre e até mesmo de outros países. Uma das marmorarias mais representativas no cemitério São José é a Marmoraria Vardânega, de Curitiba, Paraná, fundada em 1879, pelo italiano Bortolo Vardânega. As esculturas eram feitas de forma artesanal, principalmente em mármore de Carrara (KASPRZAK, Cristina Célia. Um “lugar de memória” e de arte: Cemitério Municipal São José. 2004. 87 f. Monografia (Especialização em História, Arte e Cultura). Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, 2004, p. 63).

<sup>27</sup> PIACESKI; BELLOMO, op. cit., p. 76.

A alegoria da morte, última alegoria dentre as cristãs encontradas no Cemitério Municipal São José, é representada por uma figura humana com um archote virado para baixo, mas também pode ser encontrado como um anjinho deitado sobre o túmulo ou como um anjo adormecido acompanhado de uma lira.<sup>28</sup> A personificação da morte, representada por uma estátua de um jovem segurando um archote virado para baixo<sup>29</sup>, símbolo da vida que se extingue, é uma contribuição do espírito greco-romano para a estatuária funerária, surgida devido à ausência de uma divindade específica da morte. A partir do período neoclássico, tal personificação passou a ser representada por jovens de ambos os sexos, fugindo-se da tradição grega inicial, onde o jovem do sexo masculino era o irmão gêmeo do sono.<sup>30</sup>

Agora, reportando-nos ao conjunto das alegorias sentimentais presentes no Cemitério Municipal São José, que tem a finalidade de expressar as emoções humanas, observamos que, sob a forma estatuária, as mesmas estão presentes somente em 12 túmulos do referido cemitério, subdivididas em Saudade, Desolação e Memória.

A alegoria da saudade traz flores e quase sempre está debruçada sobre o túmulo. A utilização das flores no espaço dos mortos é comum, representando de forma paradoxal a imortalidade e a fragilidade existencial.

*Imagem 3.* Alegorias da Saudade



Fonte: Acervo pessoal da autora

<sup>28</sup> LEITE, op. cit., p. 149.

<sup>29</sup> Foram encontrados representações da morte não somente sob a forma alegórica, mas também sob a forma simbólica do archote invertido, este portador do mesmo significado semântico das representações personificadas.

<sup>30</sup> PIACESKI; BELLOMO, op. cit., p. 15.

Em especial, as guirlandas quando trazidas em mãos femininas, possuem a significação da saudade pelos que se foram<sup>31</sup>, como é o caso do Jazigo-Monumento da Família Attilio Tararan, onde a personificação da saudade é melancolicamente representada. Outra representação significativa da saudade encontrada no Cemitério Municipal São José é a presente no Jazigo-Monumento da Família Oliveira Branc, no qual a figura feminina, ajoelhada sobre o túmulo, escreve singelamente a palavra “Saudades”, de forma a homenagear o ente querido, conforme imagem.

Ao tratar da onipresença das representações femininas no espaço dos mortos, Vovelle observa que:

[...] na grande maioria dos casos, atribui-se à mulher a função de expressar o luto, quer ela tome o rosto entre as mãos, pensativa ou transtornada [...], quer exprima ainda mais pateticamente a dor através de sua própria atitude [...]. Em todos os lugares, dir-se-ia que é ela quem espalha as flores da lembrança e do consolo sobre o túmulo [...].<sup>32</sup>

Nessa perspectiva, a alegoria da desolação, segunda das personificações encontradas, é uma figura feminina tradicionalmente representada com a cabeça e os braços debruçados sobre o túmulo, com expressão profunda de tristeza e consternação. Ainda, a presença de estátuas com feições humanas minuciosas indica a negação da morte.<sup>33</sup> Destacamos a figura que ornamenta a sepultura de Reynaldo Vosgerau que, desconsolada sobre o túmulo e de forma sensorial, demonstra o limite da saudade, bem como o desejo de juntar-se ao ente querido.<sup>34</sup> Por sua vez, a demonstração de Desolação da segunda escultura, da Família Leopoldo Roedel, é complementada pela inscrição presente no mesmo: “A tua morte vácuo e dor deixou.” Todo o conjunto estilístico do túmulo tende para a negação da morte, intensificada pela expressão trazida pela personificação, também no limite sentimental.

---

<sup>31</sup> DALMÁZ, op. cit., 127.

<sup>32</sup> VOVELLE, M. *Imagens e imaginário na história*. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997, p. 333.

<sup>33</sup> LEITE, op. cit., p. 151.

<sup>34</sup> GRASSI, op. cit., p. 24-25.

*Imagem 4.* Alegorias da Desolação



Fonte: Acervo pessoal da autora

Ressaltamos neste artigo que os cemitérios são locais nos quais a memória é o objeto central, no sentido de que cada túmulo possui significados que representam a expressão de sentimentos, tanto individuais, quanto coletivos. Com efeito, o espaço dos mortos se define como forma de preservação da memória particular e coletiva dos indivíduos de uma determinada região: os túmulos erigidos são propriamente uma forma de preservação da memória.<sup>35</sup> A última das alegorias sentimentais encontradas no Cemitério Municipal São José é a personificação da Memória. No Jazigo-Monumento da Família Arthur Gomes, a Memória é personificada em uma figura feminina, entretida com o ato da leitura. A simbologia do livro é complexa, sendo banal nos reduzirmos a percepção do mesmo como símbolo da ciência e da sabedoria.

*Imagem 5.* Alegoria da Memória



Fonte: Acervo pessoal da autora

---

<sup>35</sup> KASPRZAK, op.cit., p. 21.

De acordo com o Dicionário de Símbolos:

O livro é sobretudo, se passarmos a um grau mais elevado, o símbolo do universo: O universo é um imenso livro, escreve Mohyddin ibn-Arabi. A expressão Liber Mundi pertence também aos Rosa-Cruz. Mas o Livro da Vida do Apocalipse está no centro do Paraíso, onde se identifica com a árvore da Vida: as folhas da árvore, como os caracteres do livro, representam a totalidade dos seres, mas também a totalidade dos decretos divinos [com grifo no original].<sup>36</sup>

Assim, ao ser o livro compreendido como símbolo da totalidade dos decretos divinos, a análise do conjunto escultórico como Memória é reafirmada, pois a inscrição “Deus, seja feita a Vossa Vontade”, presente no livro, é indicativa da resignação perante a vontade divina, aos decretos divinos e, assim, perante à própria morte, restando aos vivos somente o culto da memória do ente querido, que ainda pode ser preservada através das representações sociais então veiculadas.

Observamos que a interpretação das alegorias é amplamente subjetiva, principalmente pela complexidade do conteúdo simbólico. Se por um lado o sentido das representações personificadas transcende o simples significado de seus elementos, por outro o enfraquecimento dos valores cristãos e a crescente individualização e relativização das manifestações religiosas e espirituais colabora para o esvaziamento de sentido simbólico-semântico das alegorias. O significado original se encontra cada vez mais distante do imaginário social, especialmente com relação às alegorias cristãs, e mais próximo do sentido comercial, cada vez mais presente nos catálogos das funerárias e marmorarias.

Ao entendermos que as representações sociais expressam o conteúdo da memória, percebemos que as personificações dos sentimentos, tanto de princípios cristãos quanto emocionais, nada mais são do que as próprias representações sociais, no formato alegórico, às quais é inerente a finalidade de perpetuar a recordação dos entes queridos, no domínio em que a memória é particularmente valorizada. De fato, a individualização das sepulturas e as inscrições mortuárias, através das representações artísticas discutidas ao longo do artigo, demonstram o desejo de preservar a identidade e a memória do morto e servem para a expressão e/ou transmissão dos valores culturais, através do conjunto das representações sociais contidas nestes locais.

---

<sup>36</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Livro. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 554-555.

### Considerações finais

Os cemitérios preservam as identidades individuais e coletivas, através da memória. Mendes percebe a identidade como ponto de ligação entre os nossos discursos e práticas e os processos que produzem a subjetividade e nos constroem enquanto sujeitos, objetivando apresentar uma concepção identitária múltipla, diversificada e narrativamente construída. O autor valoriza o invisível, o não-dito e o papel do outro, observando que as identidades são socialmente distribuídas, em constante manutenção, contextualização e interação social.<sup>37</sup> Tal como indica o autor, as identidades culturais presentes no Cemitério Municipal São José, construídas no e pelo discurso, são originadas na necessidade de controle do espaço social e físico e definidas como negociações de sentido.

No que diz respeito aos aspectos simbólicos dos túmulos é possível concluir que estes objetivam a transmissão de valores culturais, para o estabelecimento e reafirmação das relações sociais. Se estas representações alegóricas tiveram a finalidade de preservar a memória dos mortos por meio da individualização das sepulturas, orientadas pela subjetividade de cada grupo ou família, as mesmas também estiveram e estão a serviço dos ideais de civilidade e de monumentalização e demarcação espacial. Relacionadas diretamente ou não aos valores cristãos e sentimentais, as alegorias lembram que um dia existiu, na terra, um indivíduo e este pertenceu a uma determinada família ou grupo social.

Porém, os elementos simbólicos dos túmulos e o legado alegórico ali presente são localizados, histórica e espacialmente, algo que nem todas as famílias legaram ao presente. Isso nos remete à reflexão do caráter classista presente na construção da memória, tanto individual como coletiva, bem como nos dá indicativos da própria relação do homem com o morrer, também múltipla e fragmentada. É certo que os fragmentos de história e de arte presentes no Cemitério Municipal São José e em cada túmulo que o compõe são reveladores dos caminhos trilhados pelos sepultados e grupos nos quais estavam inseridos. Deste modo, também reveladores da trajetória da própria cidade de Ponta Grossa. O que resta é lançar interpretações possíveis para refletir sobre estas relações, em última análise, tentativas diversas para se lidar com a problemática da finitude.

---

<sup>37</sup> MENDES, José Manuel de Oliveira. O desafio das identidades. In: *A globalização em ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.

**Referências**

- BELLOMO, Harry Rodrigues. *A estatuária funerária em Porto Alegre (1900-1950)*. 1988. 204 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.
- CHAMMA, Guísela. V. F. *Ponta Grossa: o povo, a cidade e o poder*. Ponta Grossa: SMEC, 1988.
- CHAVES, Niltonci Batista. *A cidade civilizada: discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos na década de 1930*. Curitiba: Aos quatro ventos, 2001.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Livro. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, UERJ, NEPEC, ano 1, n. 1, p. 01-22, out. 1995.
- CYMBALISTA, Renato. *Cidades dos vivos*. Arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.
- DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus significados na Arte Funerária Cristã do Rio Grande do Sul. In: *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- DIOCESE DE PONTA GROSSA. *Cinqüentenário 1926-1976*. Curitiba: Vicentina, 1976.
- FERNANDES, Josué Corrêa. Cemitério São José. In: *Das colinas do Pitangui*. Ponta Grossa: Planeta, 2003.
- GRASSI, Clarissa. *Um olhar... A arte no silêncio*. Curitiba: C. Grassi, 2006.
- KASPRZAK, Cristina Célia. *Um "lugar de memória" e de arte: Cemitério Municipal São José*. 2004. 87 f. Monografia (Especialização em História, Arte e Cultura). Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, 2004.
- LEITE, Daniel Teixeira Meirelles. Alegorias nos Cemitérios do Rio Grande do Sul. In: *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- MENDES, José Manuel de Oliveira. O desafio das identidades. In: *A globalização em ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PIACESKI, Tiago Resza; BELLOMO, Harry Rodrigues. *Pesquisa cemiterial no Estado de Goiás*. Porto Alegre: s.n., 2006.

REZENDE, Eduardo. *Metrópole da Morte, necrópole da vida: um estudo geográfico do Cemitério da Vila Formosa*. São Paulo: Carthago, 2000.

VOVELLE, M. *Imagens e imaginário na história*. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997.

ZILLES, Urbano. *A significação dos símbolos cristãos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

**Recebido em março de 2011; aprovado em junho de 2011.**